

EDITORIAL

A VOLTA DAS CORONÁRIAS.

Maria Helena L. Souza

Rio de Janeiro, Brasil

A imprensa leiga, as organizações profissionais, os serviços de cardiologia intervencionista e os grupos de cirurgia cardíaca dos Estados Unidos, nas últimas semanas trouxeram a público a discussão de um tema que afeta substancialmente a prática da cirurgia cardíaca e, em consequência, da circulação extracorpórea, em todo o mundo. Há, dizem os especialistas e os jornalistas, evidências claras de que a indústria dos stents induziu diversos profissionais a divulgar os benefícios dos implantes de stents e omitir as suas desvantagens, provavelmente com o propósito de auferir lucros crescentes com a comercialização, cada vez maior, dos seus produtos.

Estudos comparativos dos resultados de médio prazo têm mostrado que, para determinados grupos de pacientes—os casos mais complexos— a cirurgia de revascularização oferece sobrevida mais longa que o implante de stents. Outra evidência trazida à tona por esses estudos é a tendência à trombose, em um número não desprezível de pacientes, dos stents com medicamentos antitrombogênicos. Por paradoxal que possa parecer, a primeira geração de stents metálicos apresentou um comportamento de médio prazo superior ao da última geração, contendo drogas.

Trata-se de um reconhecimento importante, considerando-se os riscos e os interesses financeiros em questão. O número de pontes aorto-coronárias nos Estados Unidos caiu de um terceiro lugar para cerca de 365.000 procedimentos no ano passado. Enquanto isso, o número de pacientes que receberam stents em 2006, elevou-se rapidamente para quase um milhão.

Até certo ponto, a preferência dos próprios pacientes pelos implantes de stents foi estimulada pela aversão à um procedimento de maior porte. Contudo, quando todos os dados disponíveis são mostrados aos pacientes, um maior número prefere a revascularização cirúrgica.

Algumas equipes cirúrgicas acreditam que a preferência pelo implante dos stents pode, até certo ponto, ser “subliminarmente” demonstrada aos pacientes pelos seus cardiologistas. Em função dessas novas variáveis, alguns hospitais de ponta, agora requerem que a indicação do melhor tratamento para o paciente seja discutida pelo cardiologista e pelo cirurgião.

O governo americano, diante da discussão pública em curso, decidiu promover uma investigação que envolve os fabricantes de stents e suas transações comerciais.

Enquanto isso, o número de casos que se apresentam para a revascularização cirúrgica tem crescido e, à luz dos novos fatos, espera-se um aumento de aproximadamente 15% do número de casos em que o tratamento cirúrgico é a melhor opção, ainda no ano em curso.

Independente das influências comerciais, cardiologistas, hemodinamicistas e cirurgiões buscam um consenso para determinar o papel de cada uma das terapias, em conformidade com a natureza e a extensão das lesões coronarianas apresentadas pelos pacientes e não, como tem sido até o momento, a opção por um tratamento em oposição ao outro. Ambos, stents e cirurgia, deverão encontrar seu espaço, em benefício dos pacientes.